

# PROJECTOS PROJECTS

## “Indeed by birth, I am a *Portingale*”: Para uma Cartografia do Termo

*Miguel Alarcão*  
(FCSH-UNL/CETAPS)

Aos Professores Doutores Rui Carvalho Homem (FLUP/CETAPS)  
e Rogério Miguel Puga (FCSH-UNL/CETAPS)

**P**rofessor Emérito da Universidade de Brown (EUA) e autor de vasta obra sobre autores e temáticas luso-americanas, anglo-portuguesas e brasileiras, George Monteiro publicou na edição de 22 de Abril de 2014 de *Portuguese American Journal*, em jeito de crónica, um estimulante e bem documentado artigo a que deu o título de “From Portingale to ‘Portugee’”. Neste processo de evolução lexical, mas também semântica e imagológica, George Monteiro declara, com total legitimidade, privilegiar o último termo,<sup>1</sup> enquanto, pela nossa parte, optámos em exclusivo por fazer um levantamento e uma apresentação, fatalmente parcelares e provisórios, de algumas ocorrências linguísticas, literárias e históricas do primeiro, disponíveis em fontes impressas e electrónicas. Duas razões concorreram para esta nossa opção: por um lado, o facto de o lexema “Portingale” (ou “Portingal”) ter tido comprovada circulação, senão mesmo a sua origem, na Idade Média; e, por outro, o de já nos

---

1. “The subject of this chapter is not ‘Portingale’, (...) but ‘Portugee’, a term with shadowy beginnings and (...) various spellings.” (Monteiro n.p.)

termos cruzado com ele no decurso de investigações e publicações anteriores (*Alarcão, The Scramble, e idem, They bene oure friends*), matéria que adiante recuperaremos.

Antes de iniciarmos, pois, a apresentação e recensão sumárias de alguns dados tendentes à eventual formulação de um projecto sistematizado e mais vasto sobre este(s) termo(s), nas suas múltiplas grafiações – “Portingal(s)”, “Portingall(s)”, “Portingale(s)”, “Portingalle(s)” e mesmo “Portugals” –, deverá notar-se que, aparentemente, eles não terão sido exclusivos da língua inglesa, se atendermos à informação prestada por Latino Coelho (1825-1891) sobre *Li Livres dou Tresor*, da autoria do florentino Brunetto Latini (c.1220-c.1295), mestre de Dante Alighieri (1265?-1321):

A quarta parte do primeiro livro é dedicada principalmente à geografia. Nesta parte se descrevem as terras e os mares da Europa, Ásia e África, e se referem os fenómenos das marés, que Brunetto Latini, referindo o parecer dos astrónomos, atribui à influência da Lua. Na resenha dos estados da Europa, aparece a nossa terra com o nome de *Portingal*. (51-52)

A informação de que “in the time of the first Queen Elizabeth [1558-1603] her subjects knew the name of the country running down the western side of the Iberian Peninsula as Portingal and its denizens as Portingales, terms that over time turned into Portugal for the nation, Portuguese for its inhabitants” (Monteiro 2) pode, à primeira vista, sugerir a inexistência de ocorrências anteriores ao século XVI. Assim, importa deixar claro que embora existam, de facto, numerosos registos provenientes do período Tudor, como adiante se verá, conhecem-se outros, quer anteriores, quer posteriores, como o próprio Monteiro, aliás, testemunha, ao mencionar Geoffrey Chaucer (c.1340?-1400) e *Lord Byron* (1788-1824), sem transcrever, porém, os passos em causa. Apenas por comodidade, acrescentamos, pois, em notas de rodapé, o comentário de Harry Bailey, o estalajadeiro de *The Canterbury Tales*, após a conclusão do

conto do padre,<sup>2</sup> e a alusão feita em *Don Juan*.<sup>3</sup> A fazer fé numa das fontes electrónicas consultadas, *The Internet Surname Database*,

This is a very interesting English surname. According to the famous Victorian etymologist Canon Charles Bardsley [1843-1898] writing in the year 1880, the origin is Portug[u]ese, or perhaps more accurately the surname originally described a person, probably a merchant, from Portugal. Recorded in the spellings of Portingale, Portigall, Portugal, Pothergill, Potteril, Puttergill, Putterill, and others, it is said to originate from the trading base of Oporto. (...) The medieval English spelling for Portugal was Portingale, and in its various developed spellings, this remains with us today. (...) The first recorded spelling of the family name is shown to be that of Walterus filius Portingalliae. This was dated 1201, in the Curia Regis Rolls of Suffolk, during the reign of King John of England, 1199-1216. (<http://www.surnamedb.com/Surname/Portingale>)

Antes ainda do final do século XIV, contemporânea, portanto, de Chaucer, a expressão *the way of Portugal* (Steinberg e Evans 292) ou, no francês burocrático-administrativo do tempo, *Le chemin de Portyngale*,<sup>4</sup> aplica-se à alternativa estratégica diplomático-militar ao “caminho da Flandres” para, no quadro conjunto da Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e das Guerras de Castela (1369-1379), combater o eixo franco-castelhano; deste desiderato e de todo o contexto envolvente viria a nascer, como se sabe, a correspondente aliança anglo-portuguesa, cujas contrapartidas comerciais merecem a atenção de Wendy Childs:

- 
2. “He [the Nun’s Priest] needs no dyes imported from the East/Or Portugal”, (Chaucer 249) estabelecendo assim uma analogia cromática, com inuendos sexuais, entre o galo Chanticleer e o padre. A título de curiosidade, transcrevemos os versos em Médio Inglês na edição de Larry D. Benson: “Him nedeth nat his colour for to dyen/With brasile ne with greyn of Portyngale.” (<https://sites.fas.harvard.edu/~chaucer/teachself/npt-par.htm>)
  3. “Oh! The long evenings of duets and trios!/The admirations and the speculations;/The ‘Mamma Mia’s!’ and the ‘Amor Mio’s!’/The ‘Tanti palpiti’s’ on such occasions;/The ‘Lasciami’s,’ and quavering ‘Addio’s!’/Amongst our own most musical of nations;/With ‘Tu mi chamas’s’ from Portingale,/To soothe our ears, lest Italy should fail.” (Byron, Canto XVI, estr. XLV, 848)
  4. P. E. Russell define-a como a “(...) expressão pela qual, no anglo-normando usado na corte e no Parlamento, a aliança com Portugal contra Castela viria a ser conhecida nos finais do século XIV.” (18); cf. também, sobre este assunto, o estudo de Tiago Viúla de Faria, investigador do Instituto de Estudos Medievais (IEM) da FCSH-UNL e nosso antigo aluno de licenciatura.

The great potential for Anglo-Portuguese trade, and especially for the Portuguese in England, came after 1369 as a result of the breakdown of Anglo-Castilian relations. The death of the English ally Pedro I of Castile, and the usurpation with French help of the (...) throne by Enrique Trastamara [sic], severed Anglo-Castilian relations and trade for nearly twenty years. (...) With Castilian ports now inaccessible to the English, Portugal could supply at least some of the typical Iberian goods wanted by the English – wines, olive oil, special leathers, figs and raisins in winter and kermes dye for the cloth industry --- and could provide a continuing western market for cloth. (33-34)<sup>5</sup>

Como se disse no início, tivemos já ocasião de aludir, em escritos anteriores, ao termo “Portingal” e afins. Antes de avançarmos com novos exemplos, são alguns desses apontamentos que aqui recuperamos e transcrevemos de forma sucinta, remetendo, em pano de fundo, para os dois artigos originais, onde os excertos seguintes surgem devidamente contextualizados.

## 1. *Libel of English Policy*

(...) no segundo capítulo [de *Libel*, c.1436], intitulado “of the commoditees of Portingalle”, pode ler-se:

The marchaundy also of Portyngale  
 To dyverse londes torneth into sale.  
 Portyngalers wyth us have throught in hande,  
 Whose marchaundy cometh much into Englande.  
 They bene oure frendes wyth there commoditez,  
 And wee Englysshe passen into there countrees.  
 Here londe hath oyle, wyne, osey, wex and  
 Fygues, reysyns, hony and cordeweyne,

---

5. Recorde-se, a propósito, que a versão aliterada de *Morte Arthure* (1340-1360) contém uma referência, na 2ª parte, v. 1028, a “(...) piment full plenteous of Portingale wines.” (<http://d.lib.rochester.edu/teams/text/benson-and-foster-king-arthurs-death-alliterative-morte-arthur-part-ii>).

Dates and salt hydes and suche marchaundy.  
 And if they wolde to Flaundes passe forth bye,  
 They schulde not be suffrede ones ner twyes  
 For supportynge of oure cruell enmyes,  
 That is to saye Flemmynges with here gyle,  
 For chaungeable they are in lytel whyle."  
 (Warner, vv. 126-139, 7-8, e respectivas notas, 66-67)

Não querendo fazer tábua rasa dos factos e documentos históricos que, desde (...) meados do século XIV, configuram a mais antiga aliança do mundo, é difícil não ver nesta declaração de amizade um reflexo e uma consequência directos da apresentação dos portugueses como o contraponto dos flamengos; por outras palavras, onde se escreve "eles são nossos amigos e negoçiam connosco (...)", (Pires, 15) poder-se-ia talvez ler "eles são nossos amigos **porque** negoçiam connosco." (negritos nossos). Citemos, a propósito, *Sir George Warner*, referindo-se às exportações portuguesas:

With the important exceptions of wool, iron, and quicksilver, these were naturally very similar in character to those of Spain; but they appear to have been more freely imported into England owing to the traditional amity between the two kingdoms. This amity in fact had been confirmed by a new formal treaty so recently as Feb. 18, 1436. But although the author speaks of the Portuguese as being 'oure frendes wyth there commoditez', he nevertheless insists that none of them should be allowed free passage by sea into Flanders. (Warner xxi)

Esta "amizade" condicionada ou instrumentalizável continuaria curiosa e simultaneamente a subjazer às confirmações ou ratificações do tratado de Windsor e a sobreviver às infracções recíprocas ao respectivo articulado, escudadas ou não em precedentes, alibis retaliatórios, guerras de corso e cartas de marco. (Alarcão, *They bene oure friends*, 648-649)

## 2. *Sir Andrew Barton*

In the year 1476 a Portuguese squadron seized a richly loaded ship commanded by John Barton, in consequence of which letters of reprisal were granted to Andrew, Robert, and John Barton, sons of John, and these letters were renewed in 1506, 'as no opportunity had occurred of effectuating a retaliation;' that is to say, as the Scots, up to the later date, had not been supplied with the proper vessels. The king of Portugal remonstrated against reprisals for so old an offence, but he had put himself in the wrong four years before by refusing to deal with a herald sent by the Scottish king for the arrangement of the matter in dispute. It is probable that there was justice on the Scottish side, 'yet there is some reason to believe that the Bartons abused the royal favor, and the distance and impunity of the sea, to convert this retaliation into a kind of piracy against the Portuguese trade, at that time, by the discoveries and acquisitions in India, rendered the richest in the world.' (John Pinkerton *apud* Child, III, 334-335)

(...)

There are in the ballad two surviving traces of the Portuguese connection: the first one occurs when the appearance of the Admiral's ship in the guise of a merchant ship prompts Andrew Barton to boast that "there is neuer [sic] an English dog, nor Portingall,/ Can passe this way without leaue [sic] of mee." (st. 39, ll. 3-4) and the second one when Barton acknowledges the fact that the armour of proof he is putting on had once belonged to his brother John ("Amongst the Portingalls hee did itt weare.", st. 59, l. 4). (Alarcão, *The Scramble*, n.5, 36)

Further research into the incident of 1476 would perhaps ascertain whether it was an isolated crime committed by the Portuguese or the tip of a hitherto uncharted piratical iceberg; should the latter be indeed the case, then, like in the far more celebrated mastery of the seas, Portugal may also have taken an early lead. (*Ibidem* 35)<sup>6</sup>

---

6. Sobre o incidente com os Barton, cf. também Raphael Holinshed, *Chronicles of England, Scotland and Ireland*. ([https://books.google.pt/books?id=cr4\\_AAAAcAAJ&pg=PA469&lpg=PA469&dq=portingale&source=bl&ots=0NB-paHCh2&sig=Z5oz0qfiKF2XpBdHE3sI0CfKEWY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKewicndHA7rTRAhVjsxQKHcb8Bhw4FBDoAQgYMAA#v=onepage&q=portingale&f=false](https://books.google.pt/books?id=cr4_AAAAcAAJ&pg=PA469&lpg=PA469&dq=portingale&source=bl&ots=0NB-paHCh2&sig=Z5oz0qfiKF2XpBdHE3sI0CfKEWY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKewicndHA7rTRAhVjsxQKHcb8Bhw4FBDoAQgYMAA#v=onepage&q=portingale&f=false)) e Mallon.

### 3. *Torrent of Portyngale*

Este romance anónimo (*metrical romance*), composto por 232 estrofes de doze versos com rima /aabcbbddbeeb/ e que se auto-apresenta como "(...) a good tale (...)",<sup>7</sup> sobrevive num único manuscrito, datado, segundo se crê, do século XV, mas provavelmente baseado numa versão anterior ou dela copiado. A avaliar pelas formas dialektais, *Torrent of Portyngale* terá sido redigido no norte (ou no centro-norte) de Inglaterra, talvez nas *East Midlands*.

O poema narra os amores de *Sir Torrent*, filho de um conde, por *Desonelle*, filha de *Calamond*, o cruel e traiçoeiro rei de Portugal. Para obter a relutante aprovação de *Calamond* e desposar uma dama que lhe é socialmente superior, *Torrent*, um piedoso cavaleiro cristão, submeter-se-á a uma série de provas e demandas dentro e fora da Europa (Provença, Calábria, Noruega, Síria, Jerusalém...), lutando sucessivamente contra vários gigantes<sup>8</sup> e três dragões; resgatando prisioneiros; acumulando feitos, terras e honrarias<sup>9</sup> e participando em batalhas, justas e torneios, até conseguir reunir a família. No final do poema e após a morte de *Calamond*, *Torrent* é coroado rei de Portugal e Imperador de Roma.

Além do evidente recurso a tropos e situações profundamente característicos das novelas de cavalaria, importa chamar a atenção para as pontuais sobrevivências ou ressonâncias da literatura anglo-saxónica antiga como, por exemplo, a referência a *W(i)eland* (cf. nota seguinte), a dotação de nomes próprios às espadas,<sup>10</sup> as aliterações, etc., quase convertendo *Torrent* num "*Beowulf*" português. Não falta sequer a figura

7. "Here bygyneth a good tale/Of Torrente of Portyngale", seguindo-se uma breve oração; (Estr. 1, vv. 1-6, 1) uma outra, de teor semelhante, encerrará o poema. (Estr. 232, vv. 2664-2669, 92)

8. Begonmese, Rochense, Slogus (também grafado como Slochys, Slongus e Slonges), Cate e Weraunt, irmão de Cate.

9. "Of Portyngale a knyght he ys,/He wanne the town of Raynes/And the cite of Quarelle." (Estr. 209, vv. 2413-2415, 84)

10. Adolake, oferecida a *Torrent* pelo rei da Provença, é apresentada como "(...) My sword, that so wyll ys wrowyt;/A better than yt know I nowght/With in crystyn mold;/Yt ys ase glemyrnyng ase the glase;/Thorow Velond wroght yt wase,/Bettyr ys non to hold." (Estr. 38, vv. 423-428, 16); quanto a *Mownpolyard*, espada de um dos gigantes enfrentados por *Torrent*, é "(...) A swerd, worthe an Erllys lond,/That meche wase of myght./On the pomell yt wase wret,/Fro a prynce yt wase get,/Mownpolyardnus he hyght." (Estr. 62, vv. 712-716, 26)

de Santo António (filho do rei da Grécia e, durante algum tempo, guardião de um dos filhos gémeos de Torrent e Desonelle) e a uma floresta norueguesa curiosamente chamada “Brasil”.<sup>11</sup> As referências explícitas sobre Portugal são, porém, raras, limitando-se a aludir à sua riqueza,<sup>12</sup> a uma cidade – “Peron” – que não lográmos identificar<sup>13</sup> e a um porto.<sup>14</sup>

#### 4. *The Knight of Curtesy*

Impressa por William Copland (m.1569) em meados do século XVI, mas composta provavelmente no século XV ou mesmo nos finais do anterior, a balada *The Knight of Curtesy* narra uma história de amor cortês entre um cavaleiro e uma nobre dama de Faguell, vaga e convencionalmente apresentado no verso inaugural como “a fayre countré”. Devido a intrigas, o cavaleiro é ‘convidado’ pelo senhor a afastar-se da corte e demandar aventuras, campanhas ou serviços noutras paragens, entre as quais Portugal:

Therefore, Syr Knight of Curtesye,  
 This thinge wyl I you counseyll,  
 To ryde and go throughe the countré  
 To seke adventures for your avayle –  
 As unto Rhodes, for to fight,  
 The Christen fayth for to mayntayne,  
 To shewe by armes your force and myght,  
 In Lumbardy, Portyngale, and in Spayne.  
 (Gray 189 e notas, 458-459)

- 
11. “In a forest can they [Torrent e os seus homens] passe,/Of Brasill, (...), it was,/With bowes brod and wyde.” (Estr. 125, vv. 1449-1451, 51)
  12. “In Portynggall, that Ryche londe, (...).” (Estr. 2, v. 13, 1)
  13. “(...) In a riche town,/That hath hight be her day,/And euer shall, as I you say,/The town of Peron.” (Estr. 153, vv. 1773-1776, 62) Também grafada como “Perowne” e “Perrown”.
  14. “In the haven of Portyngalle,/There stood shippes of hede vale/Of Irun and of tree.” (Estr. 185, vv. 2134-2136, 74)



Evidenciando a crueza (ou o realismo poético...) característica de muitas baladas tradicionais e da própria poesia anglo-saxónica antiga, o coração do cavaleiro, trazido para Faguell após a sua morte, será, por ordem do marido, cozinhado e servido à incauta esposa...

### 5. *Old Robin of Portingale*

Uma outra balada, intitulada *Old Robin of Portingale*,<sup>15</sup> expõe, logo na quadra inaugural, um *topos* caro à literatura de cariz satírico e aquilo que poderíamos talvez definir como a “moral da história”: os perigos a que se expõe um homem velho que casa com uma mulher jovem.<sup>16</sup> De facto, logo após o casamento, a esposa e o seu amante (*Sir Gyles*) planeiam, com o auxílio de vinte e quatro cavaleiros, o homicídio de Robin, mas o plano é escutado e revelado ao amo pelo seu jovem pagem. Atropelando a lei e a lógica da verosimilhança, o velho Robin não só consegue matar todos os agressores como ainda punir a esposa, cortando-lhe os seios e as orelhas, antes de tomar a cruz e partir para a Terra Santa.

### 6. *Of the Newe Landes...*

Num texto intitulado *Of the Newe Landes and the People found by the Messengers of the Kynge of Portyngale named Emanuel*, pode ler-se:

Here aforetymes in the yere of our Lorde God .m cccc xcvi. and so be,  
we with shyppes of Lusseboene sayled oute of Portyngale thorough the com-  
maundement of the kynge Emanuel. So have we had our vyage for, by for-  
tune, ylandes over the great see with great charge and daunger. So have we at  
the laste founde oon lordshyp where we sayled well .ix.c myles by the cooste

---

15. Nº 80 da colecção de F. J. Child (ed.), *The English and Scottish Popular Ballads*, se bem que a edição utilizada tenha sido a de Sir Arthur Quiller-Couch (ed.) 242-247.

16. “God! Let never soe old a man/Marry soe young a wife/As did old Robin of Portingale!/He may rue all the days of his life.” (*Ibidem* 242)

of selandes; there we at the laste went a-lande, but that lande is not nowe knowen, for there have no masters wryten thereof nor it knowethe, and it is named Armenica. (Gray 31-32 e notas, 425)

Numa dessas notas, Douglas Gray identifica este texto como "(...) a slavish translation of a Dutch or Flemish original (...), which derives ultimately from Amerigo [sic] Vespucci's accounts of his voyages (the reference at the beginning seems to be to his voyage of 1501-2 for Don [sic] Manoel of Portugal)"<sup>17</sup> e datando-o de, aproximadamente, 1520. Poucos anos antes, também Sir Thomas More (c.1478-1535), em *Utopia* (1516), havia nomeado um fictício navegador português, Rafael Hitlodeu, como companheiro de Américo Vespúcio, mas, curiosamente, More não utiliza o termo arcaico "Portingal" (ou "Portingale"), optando antes por apresentar Hitlodeu como "(...) a Portugall born (...)." (Bruce 12) Esta opção reaparece, por diversas vezes, no relato de Henry May, *Voyage to the East and West Indies*, realizada entre 1591 e 1594.<sup>18</sup>

Finalmente, e apenas no intuito de qualquer possível projecto de uma dimensão ainda mais acentuadamente pluridisciplinar, o levantamento e o estudo das representações histórico-cartográficas de Portugal desde pelo menos o início da Idade Moderna – através, por exemplo, dos mapas de Gerard(us) Mercator (1512-1594) ou de *Nova Hispaniae Descriptio* (c.1610), impresso pelo seu amigo e editor Jodocus Hondius (1563-1612) e que, pela sua beleza, reproduzimos

---

17. Desconhecemos se existe já ou não algum estudo confrontando a obra de Vespúcio com a *Carta do Achamento do Brasil* (1500) de Pero Vaz de Caminha (?-1500).

18. "Also toward the end of this month [May 1591] we took a Portugal ship, being bound for Brazil (...)" (*Apud* Winny 74); "(...) we came to an anchor at Quitangone, a place on the mainland of Africa which is two or three leagues to the northward of Mozambique, where the Portugals of the isle of Mozambique fetch all their fresh water. Here we took a pangaia, with a Portugal boy in it; (...) The Portugal boy we took with us (...);" (*Ibidem* 74-75) "In this month also [June 1592] we took a great Portugal ship of six or seven hundred ton [sic], laden chiefly with victuals, chests of hats, pintados, and calicut clothes. Besides this we took another Portugal ship of some hundred ton [sic], laden with victuals, rice, calicos, pintados, and other commodities." (*Ibidem* 75-76) "(...) two Portugal ships which were bound for China and were cast away there. [Sumatra];" (*Ibidem* 76) e "(...) the Spaniards stood in some fear of the French man-of-war, supposing our ship to be a Portugal (...)." (*Ibidem* 78) De acordo com uma nota de James Winny, "this voyage was financed by a company of London merchants anxious to seize a share of the rich trade with the East Indies hitherto monopolised by the Portuguese. An armed reconnaissance seems to have been intended rather than a normal trading venture." (*Ibidem* 192)

abaixo – poderiam constituir mais-valias relevantes.<sup>19</sup> A partir da brevíssima pesquisa cartográfica efectuada, pensamos poder concluir que, na titulação e/ou legendagem em latim, as formas lexicais “Portugalia” e “Portugaliae” predominarão sobre “Portingal” e “Portingaliae”, das quais não encontramos quaisquer exemplos, o que não significa, como é óbvio, que eles não existam.



<<https://www.wdl.org/pt/item/7328/>>

19. Cf., por exemplo, “Mapas Antigos de Portugal”, publicado em 24 de Março de 2011 no blog *De Rerum Natura* [Sobre a Natureza das Coisas]. <<http://dererummundi.blogspot.pt/2011/03/mapas-antigos-de-portugal.html>>

## 7. O Esplendor de ‘Portingale’

Entrados que estamos no século XVI, a proeminência e visibilidade das navegações portuguesas às escalas europeia e mundial – e, na primeira metade, ainda numa situação de franca superioridade, se comparada com as suas equivalentes inglesas – terá por certo multiplicado as referências a “Portingale”. Como lembra Rogério Puga, o termo figura no interlúdio *The Four Elements* (c.1520), da autoria de John Rastell (c.1475-1536);<sup>20</sup> na 1ª parte de *Tamburlaine, the Great*, de Christopher Marlowe (1564-1593);<sup>21</sup> em *As You Like It*, de William Shakespeare (1564-1616);<sup>22</sup> e, já no século XVII, em *A True Declaration of the Estate of the Colonie in Virginia...* (1610).<sup>23</sup> Só na edição online de *Divers Voyages Touching the Discovery of America and the Islands Adjacent* (1582), de Richard Ha(c)klyut (c.1552-1616), o termo “Portingale” surge nada menos do que catorze vezes,<sup>24</sup> e uma breve pesquisa na Web revelou-nos a existência de uma obra de 1570 atribuída a Dennis Emsley, *An Answere in Action to a Portingale Pearle, Called a Pearle for a Prince Geuen by a Laye Man in a Legacie, vvhich Legacie he Desireth to se Executed Before his Death*.

Numa esfera de actividade um pouco diferente – a gastronomia –, os chamados *fart(e)s of Portingale* (uma espécie de almôndegas) parecem ter sido uma iguaria bastante conhecida e apreciada na Inglaterra isabelina, apesar do nome não muito apelativo... Por coincidência escatológica ou talvez não, o *Urban Dictionary* define “Portingale” como “to carry bad wind. Toxic farts”, (<http://www.urbandictionary>).

- 
20. “And Spayne southwarde from thens standynge,/And Portyngale in this quart (...)” (*Apud* Puga, *Shakespeare* 21, n.1) Para uma versão alargada e em inglês deste artigo, cf. *idem*, *The ‘Lusiads’ at Sea*.
  21. Tamburlaine refere as movimentações das suas frotas até ao Estreito de Gibraltar (“Jubalter”, no original), “(...) Where they shall meet and join their force in one,/keeping in awe the Bay of Portingale,/And all the ocean by the British shore;/And by this means I’ll win the world at last.” (Marlowe, Act III, Scene III, 45)
  22. No diálogo entre Rosalind e Celia, a primeira confessa, referindo-se a Orlando: “(...) my affection hath an unknown bottom, like the bay of Portugal.” (Shakespeare, Act IV, Scene I, 238)
  23. “(...) when the most delicate of all flowers grow there as familiarly as in the fields of *Portingale*, where the woods are replenished with more sweet barks, and odors, than they are in the pleasantest places of *Florida*.” (*Apud* Puga, *Shakespeare* 23, n.10)
  24. Sobre Hackluyt, veja-se o artigo de Rogério Miguel Puga, *Os Descobrimentos Portugueses*, um estudo exaustivo e bem documentado, do qual constam inúmeras ocorrências dos termos em apreço, tornando aqui impraticáveis referências individuais.

com/define.php?term=Portingale) mas, para os eventuais interessados, a receita encontra-se disponível em <http://www.medievalcuisine.com/Euriol/recipe-index/fartes-of-portingale>.

## 8. Thomas Kyd, *The Spanish Tragedy*

Não obstante a vertente, dimensão e excelência sonetísticas do bardo de Stratford-on-Avon, falar de Shakespeare implica forçosamente abordar o género dramático. Assim, iniciaremos esta breve resenha de algumas peças oriundas dos períodos isabelino e jacobeano com Thomas Kyd (1558-1594), *The Spanish Tragedy*,<sup>25</sup> representada em 1587, inicialmente pelos *Strange's Men*, mais tarde pelos *Admiral's Men* e posteriormente revista. (Harbage 52-53)

A primeira das muitas ocorrências de “Portingal(s)” verifica-se logo na fala inaugural do fantasma de Andrea: a alusão a “(...) the late conflict [of Spain] with Portingal (...)”, (Act I, Scene I, 135) dever-se-á talvez ao carácter recente da anexação de Portugal e à consequente instauração da dinastia filipina. As raras exceções ao uso praticamente universal de “Portingal” na peça de Kyd verificam-se, porém, na observação de que “Spain is Portugal/And Portugal is Spain: (...)” (Act I, Scene V, 151) e a duas ocorrências do termo “Portuguese”. (Act III, Scene XIV, 201 e Act IV, Scene II, 221) Finalmente, e apesar de algo extenso, o engenhoso diálogo entre Hieronimo, o Rei de Espanha e o embaixador português merece transcrição:

---

25. Peça estudada, entre outros, por Gustavo Cordeiro Ramos e Rogério Miguel Puga, *A Representação*.

*Hier.* The first arm'd knight, that hung his scutcheon up,  
(...)

Was English Robert, Earl of Gloucester,  
Who, when King Stephen bore sway in Albion,  
Arrived with five and twenty thousand men  
In Portingal, and by success of war  
Enforced the king, then but a Saracen,  
To bear the yoke of the English monarchy.

*King.* My lord of Portingal, by this you see  
That which may comfort both your king and you,  
And make your late discomfort seem the less.  
But say, Hieronimo, what was the next?

*Hier.* The second knight, that hung his scutcheon up,  
(...)

Was Edmond, Earl of Kent in Albion,  
When English Richard wore the diadem.  
He came likewise, and razed Lisbon walls,  
And took the King of Portingal in fight;  
For which and other such-like service done  
He after was created Duke of York.

*King.* This is another special argument,  
That Portingal may deign to bear our yoke,  
When it by little England hath been yok'd.  
But now, Hieronimo, what were the last?

*Hier.* The third and last, not least in our account,  
(...) Was, as the rest, a valiant Englishman,  
Brave John of Gaunt, the Duke of Lancaster,  
As by his scutcheon plainly may appear.  
He with a puissant army came to Spain,  
And took our king of Castile prisoner.

*Amb.* This is an argument for our Viceroy.  
That Spain may not insult for her success,  
Since English warriors likewise conquered Spain,  
And made them bow their knees to Albion.

(Act I, Scene V, 151-152)



Esta passagem foi já comentada por Rogério Puga, com cuja apreciação concordamos globalmente;<sup>26</sup> contudo, temos alguma dificuldade em dar o embaixador português como “convencido” (*ibidem* 21) pela falaciosa argumentação espanhola e em considerar que “o mal de Espanha – encenado – justifica, assim, a submissão de Portugal.” (*Ibidem*) Pela nossa parte, interpretamos antes a fala final do embaixador como um contra-argumento patriótico, irónico e provocatório para com os seus anfitriões espanhóis, desmontando a visão deturpadamente revisionista da aliança anglo-portuguesa.

## 9. William Haughton, *Englishmen for My Money...*

A comédia de Haughton (c.1575-1605), *Englishmen for My Money; or, A Woman will have her Will*, foi representada provavelmente entre Fevereiro e Maio de 1598 pelos *Admiral's Men*. (Harbage 66-67) O autor era um dos dramaturgos associados ao grupo sediado em “The Rose” e cujo empresário era Philip Henslowe, autor do famoso *Diary*, do qual consta a seguinte informação, registada em 5 de Novembro de 1597: “lent vnto Robart shawe... to by a boocke of yonge horton for the company of my lord admeralles men (...) the some of [ten shillings].” (Haughton 7)<sup>27</sup> Apesar do relativo

---

26. “Como parte do ritual de acolhimento do embaixador português nas cortes espanholas, através de um *masque*, assistimos a uma enumeração de personalidades históricas inglesas, sendo que esta galeria tem por objectivo afastar Portugal de Inglaterra, ao ser introduzida por Hieronimo, que explica a ‘peça dentro da peça’ ao rei de Espanha (...). A peça de teatro, tal como o rei a interpreta, transforma o auxílio que os monarcas ingleses deram a Portugal ao longo da História em cruéis invasões, piores do que as espanholas. Temos, portanto, uma outra visão da aliança anglo-portuguesa, a do inimigo que desconstrói essa mesma amizade em seu benefício. (...)”

Toda a realidade histórica ficcionada e distorcida na peça da corte espanhola, apresenta o universo das alianças anglo-portuguesas ao avesso. Podemos, assim, interpretar este facto como sendo uma apropriação e deturpação dos factos históricos pretéritos por parte da corte espanhola, desejosa de ver Portugal e Inglaterra de costas viradas um para o outro. A ficção encontra-se, assim, ao serviço da política, servindo para demonstrar de que forma se podem manipular factos históricos em prol de interesses pessoais.” (Puga, *A Representação* 19-21, *passim*)

27. Como escreve Albert C. Baugh na sua extensa introdução, redigida há cerca de um século, “in the elaborate system of accounts which Henslowe began towards the close of 1597 the first dramatist whom he mentions specifically by name is William Haughton.” (*Ibidem* 24) Trata-se, segundo este historiador da língua e literatura inglesas, de “(...) a dramatist who was connected with the Elizabethan stage for the brief period of five years, who attained but little renown in his own day, and who has remained but little noted since.” (*Ibidem* 7; cf. também *ibidem* 17)

desconhecimento da figura e do curto período de actividade teatral (aparentemente entre 1597 e 1602), Haughton, além de uma peça perdida sobre Robin Hood,<sup>28</sup> assinaria várias outras, quase sempre em colaboração, o que não é, todavia, o caso de *Englishmen for My Money*, um exercício de teatralização do realismo burguês.<sup>29</sup>

Todo o enredo assenta na vontade de Pisaro,<sup>30</sup> um português estabelecido em Inglaterra,<sup>31</sup> em casar as suas três filhas com três estrangeiros (um holandês, um francês e um italiano), ao passo que estas estão enamoradas de três ingleses, cujos bens se encontram penhorados ao próprio Pisaro. No final, e após peripécias mais ou menos burlescas, as três jovens acabarão efectivamente por desposar os três ingleses, levando, portanto, a sua avante; daí o subtítulo, várias vezes repetido por diferentes personagens ao longo da peça, como se de um postulado a comprovar ou da moral da história se tratasse.<sup>32</sup>

*Englishmen for My Money* é, em nossa opinião, um texto de mediana qualidade, valendo sobretudo pela evocação de questões e interesses patrimoniais e matrimoniais entre a classe mercantil londrina, bem como pela caricatura estereotipada e levemente xenofóbica dos três pretendentes estrangeiros, cujo inglês é objecto de macarrónicas distorções fonéticas. A imagem do português Pisaro não é globalmente positiva: embora mereça crédito por ter conseguido fazer fortuna em

28. *Robin Hood's Pennyworths* (referenciada por vezes como *Robin Hood Pennerthes*), representada provavelmente entre Dezembro de 1600 e Janeiro de 1601, também pelos *Admiral's Men*. (Harbage 80-81)

29. Para Albert C. Baugh, "in the development of this realistic drama of everyday London life the importance of Haughton has seldom been fully appreciated. (...) the idea of writing a play solely on so familiar a subject as the daily life of the people in London seems to have occurred to no one before this date. (...) His *Englishman for My Money* is, so far as we can tell, the first regular comedy of realistic London life in the English drama." (Haughton 40)

30. Grafação correspondendo eventualmente ao apelido Pizarro ou Pissarra.

31. "Thus euery Soyle to mee is natural:/Indeed by birth, I am a *Portingale*,/Who driuen by Westerne winds on *English shore*,/Heere liking of the soyle, I married, (...)." (Act I, Scene I, vv. 10-14, Haughton 97) Note-se como, ainda que de forma reconhecidamente anacrónica e descontextualizada, o primeiro verso pode ser visto como um reflexo ou sinal da propalada adaptabilidade dos portugueses a diferentes latitudes, longitudes, climas, povos, raças e credos, configurando-os como agentes e protagonistas diaspóricos da "primeira aldeia global".

32. Fala de Mathea: "But in our loues, the prouerbe weeel fulfill:/Women and Maydes, must always haue their will." (Act I, Scene II, vv. 361-362, *ibidem* 113) Fala de Anthony: "For sooner may one day the Sea lie still,/Then once restraine a Woman of her will." (Act IV, Scene IV, vv. 2160-2161, *ibidem* 196)E, finalmente, do próprio Pisaro: "(...) I see that still,/Doe what we can, Women will haue their Will." (Act V, Scene I, vv. 2590-2591, *ibidem* 214)



Inglaterra,<sup>33</sup> a prática da usura<sup>34</sup> é agravada pela percentagem de juros cobrada (22%), superior à fixada por lei (10%).<sup>35</sup> Uma das filhas, Mathea, dirá de si própria:

Though I am *Portingale* by the Fathers side,  
 And therefore should be lustfull, wanton, light;  
 Yet, (...) I will let you know,  
 That I haue so much *English* by the Mother,  
 That no bace slauering *French* shall make me stoope:  
 (Act IV, Scene III, vv. 1783-1787, *ibidem* 180)

## 10. John Fletcher, *The Island Princess*

A peça de John Fletcher (1579-1625), *The Island Princess: A Tragi-Comedy* (1621), cujo subtítulo, como nota Rui Carvalho Homem, é *or, the Generous Portugal*, (*Space and spices* 675) foi representada pelos *King's Men*, (Harbage 112-113) sucessores dos *Chamberlain's Men*, associados a Shakespeare.

Em *The Island Princess*, a forma utilizada é apenas e sempre “Portugal(s)”, quer se trate da identificação ou nomeação do país, quer da nacionalidade do(s) seu(s) natural(is), admitindo, portanto, flexão em número. Curiosamente, “Portingal(e, es)” não aparece. Terá o termo caído progressivamente em desuso no preciso século em que, qual tratado de Windsor às avessas, Portugal daria uma rainha

---

33. “(...) come what will, no Winde can come amisse,/For two and thirty Windes that rules the Seas,/And blowes about this ayerie Region;/Thirtie two Shippes haue I to equal them:/Whose wealthy fraughts doe make *Pisaro* rich: (...)” (Haughton, Act I, Scene I, vv. 5-9, 97)

34. “(...) by the sweete loude trade of *Vsurie*,/Letting for Interest, and on Morgages,/Doe I waxe rich, though many Gentlemen/By my extortion comes to miserie: (...)” (Act I, Scene I, vv. 17-20, *ibidem* 97-98) Nas palavras de Heigham, um dos pretendentes ingleses, “*Pisaro* is a man,/Not to be fedde with Wordes, but wonne with Gold.” (*Ibidem* Act I, Scene II, vv. 251-252, 108)

35. Fala de Walgrave, outro dos pretendentes: “You Take Tenn in the hundred more then Law,/We can complayne, extortion, simony,/Newgate hath Rome, thers Law enough in England.” (*Ibidem* Act IV, Scene III, vv. 1889-1891, 184) Mais adiante, o próprio *Pisaro* reconhecerá: “For I take two and twenty in the hundred,/When the Law giues but tem: (...)” (*Ibidem* Act V, Scene I, vv. 2322-2323, 203)

a Inglaterra?<sup>36</sup> Mais uma vez, só uma investigação mais alargada e sistemática do que a aqui empreendida sobre “Portingale” permitiria confirmar (ou infirmar) esta hipótese.

Nesta peça, cuja acção é situada na Índia, são várias as personagens portuguesas (Ruy Dias, Piniero, Armusia, Christophero, Pedro, Soza e Emanuel), sendo de destacar Armusia, que acabará por desposar a princesa Quisara, irmã do rei de Sidore. Globalmente considerados, os Portugueses são objecto de apreciações tanto positivas,<sup>37</sup> quanto negativas<sup>38</sup> e mesmo híbridas.<sup>39</sup>

Rui Carvalho Homem menciona ainda *The Sea Voyage*, uma outra peça de John Fletcher (mas desta feita, segundo se crê, em colaboração com Philip Massinger),<sup>40</sup> apresentando-a como “[a play] about the vicissitudes of navigation, plundering and acquisitive rivalry (...) in the Atlantic; featuring Portuguese men and (...) women, (...) marooned on islands, the women driven by their plight to turn into Amazons, the men described as ‘industrious Portugals’”. (*Space and Spices* 684)<sup>41</sup>

Hoje em dia, o *site* <http://www.namespedia.com/details/Portingale> identifica 117 ocorrências do termo “Portingale” utilizado como apelido, quase 110 das quais no Reino Unido. Mas – com ou sem o impacte do *Brexit* nas políticas e nos fluxos migratórios – só o futuro dirá quantos “Portingales” virão ainda a nascer em solo britânico nas próximas décadas.

---

36. Curiosamente, o romance de Alison MacLeod sobre D. Catarina de Bragança (1638-1705), publicado em 1976, intitula-se *The Portingale*; para uma breve apresentação do mesmo, cf. Castel-Branco 356-357.

37. Fala de Piniero, dirigindo-se ao seu compatriota Armusia: “Ye are worthy *Portugals*,/You shew the bravery of your minds and spirits;/ The nature of our Country too, that brings forth/Stirring, unwearied soules to seek adventures;/Minds never satisfied with search of honor/Where time is, and the Sun gives light, brave Countrymen,/Our names are known, new worlds disclose their riches,/Their beauties, and their prides to our embraces;/And we the first of Nations find these wonders.” (Act I, Scene I, 98-99)

38. Fala do Governador, dirigindo-se a Quisara: “The *Portugals*, like sharp thorns (mark me Lady)/Stick in our sides, like Razors, wound Religion,/Draw deep, they wound, til the Life-bloud follows,/Our gods they spurn at, and their worships scorn,/A mighty hand they bear upon our government, (...)” (Act IV, Scene I, 148)

39. Fala de Quisara, dirigindo-se a Ruy Dias: “You *Portugals*, though you be rugged Soldiers,/Yet when you list to flatter, you are plain Courtiers;” (Act I, Scene I, 97)

40. Comédia de 1622 representada pela companhia teatral dos *King's Men*. (Harbage 114-115)

41. Sobre *The Sea Voyage*, veja-se, do mesmo académico, *Portuguese Amazons*.

## Bibliografia

- Alarcão, Miguel. "The Scramble for the Seas: the Ballad Evidence of *Sir Andrew Barton*".  
*Op. Cit. Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos/A Journal of Anglo-American Studies*. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, n° 1, 1998. 25-37. Disponível em <<http://run.unl.pt/handle/10362/14793>>.
- . "They bene oure frendes wyth there commoditez (...): uma Retórica da Amizade? Uma Amizade Retórica?" *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 Maio 2001). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2001 [sic; 2003]. 645-652. Disponível em <<http://run.unl.pt/handle/10362/15092>>.
- Anónimo. *Alliterative Morte Arthure*. Ed. Larry D. Benson. Rev. Edward B. Foster. University of Rochester: Robbins Library Digital Projects-TEAMS Middle English Texts. (<http://d.lib.rochester.edu/teams/text/benson-and-foster-king-arthurs-death-alliterative-morte-arthur-part-ii>). Acesso em 09.04.2017.
- Anónimo. *Torrent of Portyngale*. Re-edited From the Unique Ms. In the Chetham Library Manchester, by Erich Adam. London: Forgotten Books, "Classic Reprint Series", 2015 (London: Publisht [sic] for the early English Text Society, Extra Series, LI, by N. Trübner & Co., MDCCCLXXXVII).
- Bruce, Susan (ed.). *Three Early Modern Utopias. Thomas More Utopia. Francis Bacon New Atlantis. Henry Neville. The Isle of Pines*. Oxford: Oxford University Press, "Oxford World's Classics", 1999.
- Byron, Lord. *Poetical Works*. Ed. Frederick Page. Oxford: Oxford University Press, 1989 (1904).
- Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano. "(Re)Descobrir D. Catarina de Bragança: Variações de um Caso Anglo-Português em Romances Históricos do Século XX em Língua Inglesa." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n° 25 (2016), 339-364.
- Chaucer, Geoffrey. *The Canterbury Tales Translated into Modern English by Nevill Coghill*. Harmondsworth: Penguin Books, "Penguin Classics", 1982 (1951).
- Child, Francis James (ed.) *The English and Scottish Popular Ballads*. New York: Dover Publications, 1965, vol. III, 334-350.

- Childs, Wendy R. "Anglo-Portuguese Relations in the Fourteenth Century". Ed. James L. Gillespie. *The Age of Richard II*. Stroud: Sutton Publishing/New York: St. Martin's Press, 1997. 27-49.
- Coelho, Latino. *A Ciência na Idade Média*. Fixação do Texto, Prefácio e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, col. "Filosofia & Ensaios", 1988.
- Emsley, Dennis. *An Answer in Action to a Portingale Pearle, Called a Pearle for a Prince Geuen by a Laye Man in a Legacie, which Legacie he Desireth to se Executed before his Death*. London: Fleet-streete, by William Hovv: for Dionis Emilie, [1570]. Early English Books Online. Text Creation Partnership. <http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?c=eebo;idno=A21333.0001.001>. Acesso em 08.01.2017.
- Faria, Tiago Viúla de. "Tracing the 'Chemyn de Portyngale': English Service and Servicemen in Fourteenth-Century Portugal". *Journal of Medieval History*, Vol. 37, 2011. 257-268.
- "Fartes of Portingale". *Medieval Cuisine*. <http://www.medievalcuisine.com/Euriol/recipe-index/fartes-of-portingale>. Acesso em 08.01.2017.
- "Farts of Portingale". *Mary Arden's Farm*. <http://maryardensfarm.com/farts-of-portingale>. Acesso em 09.01.2017.
- Fletcher, John. "The Island Princess." *The Works of Francis Beaumont and John Fletcher in Ten Volumes*. Originally edited by Arnold Glover, work pursued by A. R. Waller. Cambridge: Cambridge University Press, "Cambridge English Classics", Vol. III, 1910. 91-170.
- Gray, Douglas (ed.). *The Oxford Book of Late Medieval Verse and Prose. With a Note on Grammar and Spelling in the Fifteenth Century by Norman Davis*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- Hackluyt, Richard. *Divers Voyages Touching the Discovery of America and yhe Islands Adjacent. Collected and Published by Richard Hackluyt, Prebendary of Bristol, in the Year 1582*. Edited, with notes and an introduction, by John Winter Jones, of the British Museum. London: Printd for the Hacklut Society, M.DCCC.L. [https://books.google.pt/books?id=zApRAQAAMAAJ&pg=PA5&lpg=PA5&d-q=Portingale&source=bl&ots=ojSYc6aHWg&sig=CKbAGl6qZf9Wg-XKR-qogDNSO\\_SA&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiAsNTE\\_rLRAhVW\\_mMKH-f5YAec4HhDoAQgfMAE#v=onepage&q=Portingale&f=false](https://books.google.pt/books?id=zApRAQAAMAAJ&pg=PA5&lpg=PA5&d-q=Portingale&source=bl&ots=ojSYc6aHWg&sig=CKbAGl6qZf9Wg-XKR-qogDNSO_SA&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiAsNTE_rLRAhVW_mMKH-f5YAec4HhDoAQgfMAE#v=onepage&q=Portingale&f=false). Acesso em 08.01.2017.

- Harbage, Alfred (ed.). *Annals of English Drama, 975-1700. An Analytical Record of All Plays, Extant or Lost, Chronologically Arranged and Indexed by Authors, Titles, Dramatic Companies, & c.* London: Methuen & Co., 1964 (1940).
- Haughton, William. *Englishmen for My Money; or, a Woman will have her Will.* Edited with introduction and notes by Albert Croll Baugh. Miami: HardPress Publishing, "Classics Series", n.d.
- Holinshed, Raphael. *Chronicles of England, Scotland and Ireland.* Vol. V, 1808 ([https://books.google.pt/books?id=cr4\\_AAAAcAAJ&pg=PA469&lpq=PA469&dq=portingale&source=bl&ots=0NB-paHCh2&sig=Z5oz0qfiKF2XpB-dHE3sI0CfKEWY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwicndHA7rTRAhVJsxQKHcb8Bhw4FBDoAQgYMAA#v=onepage&q=portingale&f=false](https://books.google.pt/books?id=cr4_AAAAcAAJ&pg=PA469&lpq=PA469&dq=portingale&source=bl&ots=0NB-paHCh2&sig=Z5oz0qfiKF2XpB-dHE3sI0CfKEWY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwicndHA7rTRAhVJsxQKHcb8Bhw4FBDoAQgYMAA#v=onepage&q=portingale&f=false)).
- Homem, Rui Carvalho. "Portuguese Amazons, Extravagant Voyagers: Perplexities of Travel and Desire in Fletcher's *The Sea Voyage* and Brome's *The Antipodes*". *'So long lives this, and this gives life to thee'. Homenagem a Maria Helena de Paiva Correia.* Lisboa: Departamento de Estudos Anglisticos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009. 725-737.
- . "Space and Spices: *The Island Princess*". *'And gladly wolde (s)he lerne and gladly teche'. Homenagem a Júlia Dias Ferreira.* Lisboa: Edições Colibri/Departamento de Estudos Anglisticos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007. 675-685.
- Kyd, Thomas. "The Spanish Tragedy". *Five Elizabethan Tragedies.* Ed. with an introduction by A. K. McIlwraith. London: Oxford University Press, "The World's Classics", n° 452, 1969. 131-240 (1938).
- Mallon, John. "The Portugal Business or the Reverse of the Medal." *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 Maio 2001). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2001 [sic; 2003]. 305-310.
- "Mapas Antigos de Portugal". *De Rerum Natura* [Sobre a Natureza das Coisas]. <http://dererummundi.blogspot.pt/2011/03/mapas-antigos-de-portugal.html>. Publicado em 24.03.2011. Acesso em 22.01.2017.
- "Um Mapa Moderno da Espanha". *Biblioteca Digital Mundial.* <https://www.wdl.org/pt/item/7328/>. Última actualização em 12 de Fevereiro de 2016. Acesso em 22.01.2017.

- Marlowe, Christopher. "The First Part of Tamburlaine the Great". *The Plays of ---*. London/New York/Toronto: Oxford University Press, "The World' Classics", n° 478, 1954 (1939).
- Monteiro, George. "From Portingale to 'Portugee'". *Portuguese American Journal*. 22 April 2014. <http://portuguese-american-journal.com/essay-from-portingale-to-portugee-by-george-monteiro>. Acesso em 08.01.2017.
- Pires, M<sup>a</sup> Laura Bettencourt (ed.). *Portugal Visto pelos Ingleses*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da UNL, 1981.
- "Portingale". *The Internet Surname Database*. <http://www.surnamedb.com/Surname/Portingale>. Acesso em 08.01.2017.
- "Portingale". *Namespedia*. <http://www.namespedia.com/details/Portingale>. Acesso em 09.01.2017.
- "Portingale". *Urban Dictionary*. <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Portingale>. Acesso em 09.01.2017.
- Puga, Rogério Miguel. "Os Descobrimientos Portugueses em *The Principal Navigations* de Richard Hakluyt". *Anais de História de Além-Mar*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Vol. IV, 2003. 63-131.
- . "The 'Lusiads' at Sea and the Spaniards at War in Elizabethan Drama: Shakespeare and the Portuguese Discoveries". José Manuel González and Holger Klein (eds.) *Shakespeare and Spain*. Lewiston/Queenston/Lampeter: The Edwin Mellen Press, "Shakespeare Yearbook", vol. 13, 2002. 90-114.
- . "A Representação do Cavaleiro Português no Teatro Isabelino: 'The Spanish Plays' de Thomas Kyd e *The Battle of Alcazar* de George Peele". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. de Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, n° 9, 2000. 7-42.
- . "Shakespeare e os Descobrimientos Portugueses". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. de Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, n° 7, 1998. 21-36.
- Quiller-Couch, Sir Arthur (ed.). *The Oxford Book of Ballads*. Oxford: Clarendon Press, 1910.

- Ramos, Gustavo Cordeiro. *Sobre Três Tragédias Inglesas com Motivos Portugueses*. Memória apresentada à Academia das Ciências de Lisboa pelo Dr. ---, Sócio correspondente da mesma Academia. História e memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Nova série. 2ª classe. Ciências morais, políticas e belas letras. Tomo XIV, nº 6. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.
- Russell, P. E. "Introdução à Aliança Anglo-Portuguesa". *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa/600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*. Editado pelo Governo Britânico, em associação com a British Broadcasting Corporation e com a Canninh Hosue, s.d. [1986].
- Shakespeare, William. *The Complete Works*. Ed. Sybil Thorndike. London: Murrays Sales & Service, "Rex Library", 1973.
- Warner, Sir George (ed.). *The Libelle of Englyshe Polycye. A Poem in the Use of Sea-Power, 1436*. Edited by ---, D. Litt., F.B.A., F.S.A., Late Keeper of Manuscripts and Egerton Librarian of the British Museum. Oxford: Clarendon Press, 1926.
- Winy, James (ed.). *The Elizabethan Voyages. A Selection Taken from the Literature of Elizabethan Travel and Discovery*. Edited with an Introduction and Notes by ---. London: Chatto and Windus, Ltd., "The Queen's Classics – Certificate Books", 1956.